

## Apresentação

Conta-se que Lenin teria perguntado a Trotsky antes da insurreição de Outubro “*E se perdermos*” e que Trotsky teria respondido “*E se ganhamos?*”. “*Assim como a guerra, ninguém faz uma revolução de boa vontade. A diferença consiste em que, numa guerra, o papel decisivo é o da coação; numa revolução não há coação. A não ser a das circunstâncias*” escreveu Trotsky. A grande dificuldade do historiador das revoluções é que as mudanças da consciência das massas não são escritas, quer porque as classes oprimidas deixam poucos documentos, quer porque o tempo da revolução relega para segundo plano a sua escrita, quer porque a velocidade dessas mudanças é quase incompatível com a apreciação analítica delas. Isso impede o historiador de fazer o seu trabalho? Obviamente que não. Se nem mesmo as direções políticas foram impedidas de agir em meio às revoluções, não seria o historiador que dispõe, de certa forma, de um caminho muito mais facilitado do que o dirigente político que estaria impedido de realizar o seu labor. Será mesmo assim?

Em 2008 as promessas dos defensores do capitalismo pós 1945 ruíram como um frágil castelo de cartas. Livre concorrência seria igual a inovação. Crescimento, criação de emprego, progresso. O *Bank of America* e a *General Motors* - o maior banco e a maior empresa do mundo -, faliram em 2008. A seguir, faliu massivamente o sistema bancário italiano, alemão, português, inglês e grego. O sistema capitalista era um doente em coma ligado a uma máquina cuja garantia de sobrevivência provinha do dinheiro dos trabalhadores e pensionistas. As dívidas, agora tornadas públicas, rolavam este esquema piramidal e o desemprego massivo ou o trabalho precário era o novo signo do capitalismo global.

A diferença entre as fases de expansão de direitos e contração não se prende com a crise económica *mas com a resposta política a essa mesma crise económica*. Se ela é frágil e defensiva, do lado dos trabalhadores atuam as contra-tendências para acumular capital: cortes salariais, extensão da jornada de trabalho, expansão do exército industrial de reserva (desempregados), aumento comércio exterior, intensificação do trabalho (multiplicação de tarefas, por exemplo) etc. A crise é condição necessária para aumento da ação coletiva e mesmo para processos pré-revolucionários ou revolucionários – esta é uma das ideias centrais de Marx em *O Capital*, publicado há 150 anos. Ideia que teve um primeiro grande impacto na Comuna de Paris em 1871, no meio da primeira grande depressão oitocentista; e na Revolução Russa de 1917. Mas ela não é condição suficiente. Isto quer dizer que não há revoluções sem crises económicas ou sem situações revolucionárias, mas há crises económicas sem revoluções e também situações revolucionárias que redundam em derrotas e retrocessos.

Chegamos a Fevereiro de 1917. Os operários se lançaram na greve, como entre estes e os soldados começou a existir confiança mútua, como a direção bolchevique andava a “reboque” dos acontecimentos. A *Dualidade de Poderes*, a guerra e o exército - na primeira semana de Abril, da frente norte e oeste, desertaram 8000 soldados, na sua maioria *mujiques* que queriam terra para viver nela antes de perecerem na frente de guerra. De volta a Rússia, da Estação Finlândia Lenin apresenta o documento que ficou conhecido como as *Teses de Abril*, que se opunha ao Governo e à guerra. Mas as *Teses* iam mais longe ao afirmar que a revolução não se resumia às tarefas democráticas. A revolução em curso: a evolução das greves, da consciência das massas e o papel dos partidos nessa evolução, sobretudo do bolchevique. Um partido que cresce com a radicalização da revolução: em Petrogrado, em Junho, tem 15 000 membros. No dia 2 de Julho de 1917 começam várias manifestações espontâneas em Petrogrado que nos dias 3 e 4 de Julho chegam a reunir mais de 500 mil

soldados e operários. O Partido Bolchevique defendia que era cedo demais para uma insurreição. A redação do *Pravda* foi destruída; Lenin, caluniado como agente alemão, obrigado à clandestinidade e o próprio Trotsky, que formalmente ainda não era do Partido Bolchevique, preso: depois, o golpe de Kornilov e sua derrota, com os bolcheviques cumprindo um papel de destaque, que em seguida os colocaria como maioria nos Soviets. A guerra camponesa contra os proprietários, em Setembro e Outubro, radicaliza-se. As condições para a insurreição estavam reunidas. O apelo de Lenin para que a insurreição fosse imediata; os preparativos militares da insurreição; da tomada da capital e do Palácio de Inverno.

O critério essencial de uma revolução é a entrada das massas no teatro da história? É a miséria? A revolução é um processo – com avanços e recuos ou é uma insurreição? Quais são os sujeitos sociais desta história?

As questões relacionadas acima só puderam ser decididas pelos historiadores. Em princípio, no que tange à Revolução Russa, os primeiros historiadores são também destacados protagonistas. Em primeiro lugar, Leon Trotsky, em seguida, Victor Serge. Os motivos do esquecimento ou da condenação das suas obras aos círculos de iniciados só podem ser entendidos pela forma como a memória ressignificou o acontecimento. Então, uma resposta a questão colocada no primeiro parágrafo desta apresentação há de se referir à forma como as batalhas do passado são permanentemente trazidas para o presente, de forma que, como parafraçando Benjamin, nem mesmo os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer. E posto que este inimigo não tem cessado de vencer, resta ao historiador das revoluções se fazer ele próprio uma combatente pelas causas dos oprimidos, para que a humanidade possa, enfim, dispor do seu passado plenamente.

Os textos que compõe essa edição especial de *História & Luta de Classes*, publicada como forma de homenagem e necessária reflexão sobre a Revolução Russa de 1917 no seu centenário, inscrevem-se nos marcos de uma historiografia crítica que permanece reivindicando o marxismo, a revolução e a centralidade da lutas de classes. Mas que não se esperem acordos fáceis entre os autores. A Revolução Russa, permanente campo de disputa dos historiadores críticos diante da soviétologia e do anticomunismo, nunca deixou de ensejar os mais apaixonados debates entre os marxistas. E é para isso que os artigos aqui presentes devem servir.

Para abrir este dossiê, o artigo *Um contrarrevolucionário vermelho: a vida de Plekhanov e sua oposição a Outubro (1856-1918)*, de Diego Martins Paulo aborda a controvertida trajetória de Georgui Plekhanov. Chamado “pai do marxismo” russo em função de seu pioneirismo em adotar o materialismo histórico para analisar a realidade russa e algumas questões da história, Plekhanov, bolchevique em 1903, tornou-se um opositor à Revolução de Outubro de 1917.

A tática de Frente Única formulada no III Congresso da Internacional Comunista em 1921 é o tema do artigo *A Internacional Comunista e a tática da “frente única”: conciliação ou novo programa revolucionário?* de Carlos Prado. Buscando deslindar os significados de uma alteração na apreciação da conjuntura mundial inicialmente vista como favorável e, portanto, ofensiva para os revolucionários, para uma conjuntura em que o capitalismo parecia ganhar uma sobrevida abrindo um período defensivo aos socialistas, o autor articula a intervenção internacional dos revolucionários russos aos acirrados debates que estiveram na origem da NEP.

No artigo *A luta de Lenin contra Stalin e a burocratização soviética*. Marcio Lauria Monteiro aborda aquilo que chama de “última luta de Lenin”, que seria a luta contra a

burocracia e os métodos de Stalin que começavam a se revelar como nefastos para o dirigente bolchevique. Para o autor, a “última batalha de Lenin” ficou um pouco esquecida, em função da importância adquirida por Trotsky na contenda. O artigo destaca a aliança dos dois principais dirigentes bolcheviques em 1922, para enfrentar a ascensão de Stalin, algo que a historiografia stalinista não apenas ignorou, mas fez questão de falsear.

O artigo de Danielle Jardim da Silva, *Alexandra Kollontai: entre feminismo e socialismo*, discute a trajetória de Alexandra Kollontai, abordando tanto seu papel de destaque no movimento feminista quanto os diferentes momentos de sua relação com Stálin e com a Oposição Operária, traçando um perfil no qual a enorme contribuição de Kollontai não impede de observar suas contradições e ambiguidades.

No artigo *Os diversos matizes da revolta: a ideia de Revolução Social através da historiografia do trabalho referente à Primeira República*, Frederico Bartz analisa a forma como os diferentes contextos históricos condicionaram as abordagens historiográficas sobre os trabalhadores na Primeira República brasileira, discutindo especialmente a presença/ausência e o sentido que é atribuído à ideia de Revolução Social

O Dossiê se encerra com a tradução do artigo “*A Revolução Russa e nós*”, produzido a partir de recente conferência proferida pelo historiador catalão Josep Fontana. O texto discute o processo da Revolução Russa e os diferentes contextos e configurações do regime que se construiu, com atenção aos debates e contradições que atravessaram o movimento socialista internacional ao longo do século XX. Conclui com uma reflexão sobre os desafios do presente e as forças sociais e políticas que, a despeito das enormes dificuldades enfrentadas pelo movimento socialista atualmente, “anunciam as possibilidades futuras de um grande despertar coletivo” e portanto podem estar à frente de um novo projeto revolucionário.

Para além do Dossiê, esta edição traz também uma entrevista, um artigo e duas resenhas. A entrevista com o economista sul-africano Hillel Ticktin concentra-se na avaliação da crise capitalista mundial em curso e os desafios e perspectivas que coloca à luta de classes internacional. O artigo *Sociedade Civil: uma categoria internacional*, de Lucas Patshiki, discute criticamente diversas apropriações da categoria “sociedade civil” que desterritorializam seu sentido, criticando a naturalização do imperialismo subjacente na noção de uma sociedade civil internacional ou transnacional que existiria para além das classes e das nações. A resenha de Raul Dantas discute o livro *Trabalhadores e política no Brasil*, de Aldrin Castellucci, e a resenha de Roberto Camargos apresenta o livro *Os desafiados*, de Adalberto Paranhos.

Com profunda tristeza registramos o falecimento precoce, ocorrido em janeiro deste ano, do companheiro Lucas Patshiki, um dos mais entusiasmados impulsionadores desta revista. Esta edição é dedicada a sua memória. Lucas contribuiu muito para a compreensão das distintas formas organizativas da direita brasileira, desde sua dissertação sobre Olavo de Carvalho e o Mídia Sem Máscaras, passando por várias entidades abordadas em artigos e capítulos e culminando na tese de doutoramento que vinha desenvolvendo sobre o Instituto Millenium. A abordagem sobre o Tempo Presente, a conexão internacional e nacional entre grupos empresariais e *think tanks* de direita e a relação entre neofascismos e liberalismo eram igualmente temas presentes em sua reflexão e em suas pesquisas. O artigo postumamente publicado nesta edição como homenagem a seu autor é um exemplo da forma como encarava desafios teóricos e políticos tendo sempre presente sua incidência na luta de classes. Marxista, o intelectual e militante constituía raro exemplo de uma práxis coerente e sistemática, na qual

8 – 100 anos da Revolução Russa

a reflexão teórica e a intervenção concreta nas lutas sociais sempre se faziam presentes, como traços marcantes de sua trajetória. Crítico, polêmico, combativo, e ao mesmo tempo gentil, solícito e solidário, Lucas permanece entre nós como exemplo e inspiração.

Março de 2017

Gilberto Calil  
Editor

Carlos Zacarias de Sena Júnior  
Felipe Abranches Demier  
Raquel Varela  
Coordenadores do Dossiê